

ENSINO ESCOLAR: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E JOVENS,
O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA
PIBID/GEOGRAFIA/FEUC

Danieli Azevedo Gomes¹

Leydiane Paula da Silva¹

Nilcilene Santos Vieira¹

Orientadores:

Isaac Gabriel Gayer Fialho da Rosa²

Rosilaine Sousa Araújo da Silva²

Resumo: Este artigo trata da experiência do Projeto de Iniciação à Docência – PIBID, que tem como objetivo fortalecer a qualidade de ensino atuando diretamente na formação do professor e entrelaçar debates sobre como ensinar educação ambiental de forma dinâmica através do áudio visual, uma vez que esta, a EA tornou-se tão importante e essencial quanto o ensino de demais conhecimentos obrigatórios no ensino básico. De forma que, a escola como contribuidora para a formação de saberes, tem o importante papel de disseminar e incentivar uma nova educação, ou seja, uma educação baseada na sustentabilidade. Tal pesquisa se configura com a inserção dos licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de ensino; o subprojeto de Geografia ligado às Faculdades Integradas Campo-grandenses (FIC), tem o objetivo específico de construir, por meio de ações didático-pedagógicas a inserção de questões relacionadas ao meio ambiente e, auxiliar aos educandos na construção de áudio visual dando ênfase ao conteúdo proposto, e que venha a aproximar os alunos bolsistas da realidade escolar. A participação dos bolsistas iniciou em maio de 2014, a partir desta experiência ainda inicial, expondo debates e pesquisas; e posteriormente se encontrarão envolvidos na dinâmica escolar.

Palavras-chave: Meio ambiente, Educação, sustentabilidade, ensino.

Abstract: This article deals with the Initiation Project experience to Teaching - PIBID, which aims to strengthen the quality of teaching acting directly in teacher education and intertwine debates on how to teach environmental education dynamically through audio visual, since this, EA has become as important and essential as teaching other skills required in basic education. So that the school

¹ Estudante de Licenciatura em Geografia e participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID pelas Faculdades Integradas Campo-grandenses, (FIC).

²Dr. Isaac Gabriel Gayer Fialho da Rosa, MaRosilaine Sousa Araujoda Silva. Coordenadores do PIBID de Geografia das FIC.

as a contributor to the formation of knowledge, has the important role of disseminating and encouraging a new education, that is, an education based on sustainability. Such research is configured with the inclusion of undergraduates in everyday teaching public schools; Geography of the subproject on the Integrated Schools Campo-Grande (FIC) has the specific aim of building through didactic and pedagogical actions the inclusion of issues related to the environment and to assist students in building visual audio emphasizing the proposed content, and that will bring the scholarship students of the school reality. The participation of Fellows began in May 2014, from this still early experience, exposing debates and research; and then they find themselves involved in school dynamics.

Keywords: Environment, Education, sustainability, education.

Introdução

Dentro do contexto acadêmico, são levantadas inúmeras questões visando o enriquecimento do graduando e a possibilidade de se abrir um campo de pesquisa que seja útil a sociedade. Com esta finalidade o Capes/PIBID torna-se um projeto promissor no qual traz a iniciantes ao processo docente a possibilidade de estarem produzindo pesquisas voltadas ao interesse de muitos.

Neste processo de construção do conhecimento, alunos/as bolsistas Pibidianos da FEUC- Fundação Educacional Unificada Campograndense, do curso de Geografia, foram remetidos ao processo de repensar o tema transversal Meio Ambiente, através de palestra ministrada pela professora Ma Débora Rodrigues e a oficina ministrada pela professora Ma Gisele Miranda tivemos ainda a indicação de três bibliografias principais: “Educação Ambiental e Protagonismo Jovem” (2007), de Maria Alice Martins de Ulhôa Cintra, “Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs”(1997),Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, e “Os (De) scaminhos do Meio Ambiente” (2006), Carlos Walter Porto Gonçalves.

Meio Ambiente: questões preliminares

O tema Meio Ambiente toma força no século XX, a partir da compreensão que a sociedade começa a construir sobre as questões que envolviam a natureza, passa-se a entender que os recursos poderiam extinguir-se afetando a vida na Terra, e por consequência, as atividades econômicas, afinal os primeiros movimentos voltados a ecologia não visavam o espaço socioambiental diretamente e sim a estabilidade econômica daquelas empresas e grupos econômicos que o utilizavam.

Neste momento torna-se perceptível o quanto o meio ambiente é necessário para os diferentes grupos sociais, pois sua função é permitida desde a obtenção de matéria prima, utilização do solo, do espaço, e para a subsistência, ou seja, desde a reprodução da vida, mas também do capital. A natureza é necessária a sociedade, por isso ele a problematiza, como destaca Porto Gonçalves:

Toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada ideia do que seja a natureza. Nesse sentido o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens. Constitui um dos pilares através do qual os homens erguem as suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, a sua cultura. (GONÇALVES. 2005, p.23).

A ideia que foi exposta pelo autor aponta o homem e a natureza como indissociáveis. Mas a sociedade vem se afirmando de forma predatória a partir do modelo de desenvolvimento capitalista e a sociedade do consumo.

No entanto, é cada vez mais notório que a questão ambiental ganhou visibilidade, e que a necessidade de mudar comportamentos e modos de vida é cada vez mais crescente. De acordo com Cintra (2011, p.1) “A educação ambiental aparece como um dos caminhos de transformação social, a qual se percebe fundamental para assegurar vida no planeta, para as gerações presentes e futuras.”

Sendo assim, entendemos que a conscientização é obtida em diferentes escalas, desde a local, como a global, principalmente por parte de sujeitos engajados na construção do direito e da justiça ambiental que lutam para minimizar ou prevenir maiores danos a natureza e aos grupos sociais excluídos que habitam as áreas de maiores problemas socioambientais e que afetam diretamente seus modos de vida, ao contrário do que ocorre, em geral, com os grupos econômicos que segundo CINTRA (2007, p.010) só criam ações “[...] quando os limites de exploração desses elementos passam a incomodar a indústria e o sistema econômico e financeiro mundial”.

Este cenário de aumento do consumo e de utilização da natureza como recurso econômico finito, provoca em meados do século XX mobilizações através de conferências, encontros internacionais, envolvendo governos, organismos multilaterais e grandes corporações para debaterem sobre as questões ambientais, como aponta o MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO:

Em todos os espaços, os recursos naturais e o próprio meio ambiente tornam-se uma prioridade, um dos componentes mais importantes para o planejamento político e econômico dos governos, passando então a ser analisados em seu potencial econômico e vistos como fatores estratégicos. O desnível econômico entre grupos sociais e países exerce importante pressão sobre as políticas econômicas e ambientais em cada parte do mundo. Além disso, o poderio dos grandes empreendimentos transnacionais torna os recursos naturais e o meio ambiente capazes de influir fortemente nas decisões ambientais que governos e comunidades deveriam tomar, especialmente quando envolvem o uso dos recursos naturais. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1997. p. 177).

Através de reuniões mundiais sobre o tema, tais como a primeira conferência internacional promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) realizada em Estocolmo, no ano de 1972 e a segunda no Rio de Janeiro, em 1992, a Rio/92, discutindo novos objetivos e tratadossendo criados, a partir de conflitos de interesses diversos, que por vezes, disseminavam um olhar “restrito” e “individualista” dos problemas ambientais, ou seja, os debates em relação a estrutura do sistema econômico capitalista não vigoravam na pauta destes encontros, como aponta o MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO:

O que se tem de questionar vai além da simples ação de reciclar, reaproveitar, ou, ainda, reduzir o desperdício de recursos, estratégias que não fogem, por si, da lógica desenvolvimentista. É preciso apontar para outras relações sociais, outros modos de vida, ou seja, rediscutir os elementos que dão embasamento a essa lógica. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1997. p.178).

Entre esses encontros destacamos a ECO92² que objetivou debater e criar novas formas socioambientais para preservação, ou para minimizar as interferências que a sociedade, a partir do modelo predatório em expansão no capitalismo, afeta na natureza. Entendemos que as conferências internacionais cumpriram um papel importante, principalmente no sentido de aumentar a visibilidade para as questões ambientais em curso, no entanto, não conseguiram dar conta de repensar a lógica econômica onde discurso e prática possam culminar ações sócio-sustentáveis, como levanta o MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO:

Assim, a questão ambiental impõe às sociedades a busca de novas formas de pensar e agir, individual e coletivamente, de novos caminhos e modelos de produção de bens, para suprir necessidades humanas, e relações sociais que não perpetuem tantas desigualdades e exclusão social, e, ao mesmo tempo, que garantam a sustentabilidade ecológica. Isso implica um novo universo de valores no qual a educação tem um importante papel a desempenhar. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1997. p.180).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente. ³

No que diz respeito à educação, o Ministério da Educação e da Cultura - MEC, lançou em 1996 os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs, que é uma orientação curricular nacional obrigatório no ensino público e facultativa no ensino privado. Neste documento o MEC lança temas transversais, dentre eles aparece o meio ambiente, ou seja, deve ser inserido e discutido em sala de aula de forma por todos/as professores atrelando aos seus conteúdos.

Um dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs é fazer com que os discentes adquiram o conhecimento sobre as questões em que envolvem a sua realidade social e participem ativamente da sociedade.

² Encontro Mundial ocorrido no Rio de Janeiro em 1992 que visava debater as questões socioambientais.

³Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente. Secretária de Educação Fundamental.

Educação Ambiental na Educação dos Jovens e os PCNs.

Ensinar sobre Educação Ambiental tornou-se tão importante e essencial quanto o ensino da Língua Portuguesa e da Matemática. De forma que, a escola como contribuidora para a formação de saberes, tem o papel importante de disseminar e incentivar uma nova educação, sendo essa uma educação baseada na EA.

Atentando para o papel da escola, permeia sobre a mesma um grande desafio, o de trabalhar com as atitudes ambientais juntamente com seus estudantes, indo além dos conceitos ensinados, colocando em prática as diversas propostas que foram e estão sendo ensinadas, para que assim sintam parte desse projeto, e se sintam responsáveis pelo o que eles produzem na sociedade e no espaço inserido.

Abaixo estão alguns exemplos que podem ser efetuados com os alunos para incentivo e para prática da EA, entre outras que podem ser possíveis para o ensino, deixando claro, que entendemos que estas práticas não devem aparecer de forma solta no cotidiano da escola, mas a partir da reflexão sobre o modelo de desenvolvimento em que estamos inseridos, são eles.

- Preservação do espaço escolar.
- Reciclagem do lixo em recipientes separados (orgânico, metal, plástico, papel, etc.).
- Controle da água potável, utilizando-a de modo correto.
- Controle do desperdício de alimentos.
- Reutilização de alguns resíduos orgânicos para adubo.
- Palestras com orientações para alunos e aberto à comunidade.
- Reutilização das garrafas plásticas e afins para outras formas de uso.

Para o MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, os PCNs têm como objetivo fazer com que os alunos compreendam a complexidade e amplitude das questões ambientais, sendo necessário oferecer-lhes uma grande diversidade de experiências e contato com as diferentes realidades.

O professor é um agente importantíssimo para construção da consciência ambiental, ou seja, explicitar através de sua fala e outras metodologias que o docente possui para atrair a atenção dos jovens para a educação ambiental. Cabe a responsabilidade de mostrar que eles podem ter uma qualidade de vida e que seja mais saudável, apontar as formas de cuidados e que tudo está interligando, e que se prejudicar algo em um lugar pode sim acarretar efeitos

contrários, é essencial desconstruir a ideia de que o meio ambiente seja compartimentado, ou que existam ações isoladas, que não interferem globalmente.

Incorporar o ensino e construção de saberes por parte da realidade e utilizando atividades, fazem com que a aprendizagem seja mais assimilada e os mesmos passam a refletir sobre a natureza e interagir socialmente, e possivelmente esse conhecimento adquirido pode ser repassado a outros de suas comunidades pelos mesmos. Assim tornando-se a participação desse docente e de seu conhecimento de grande valia para a disseminação da Educação Ambiental na juventude.

De acordo com Cintra:

Essa EA, que nasce da necessidade vital de conservação da natureza, que pretende compreender o mundo de forma integrada, que visa qualidade de vida para todos os seres, propõe um processo de transformação social, que só pode ser viabilizado com muita participação, diálogo e construção coletiva, de forma continuada, monitorada e avaliada constantemente. Todos e todas nós somos protagonistas desse processo. (CINTRA, 2007, p.1)⁴.

É importante desconstruir a ideia que existe sobre Homem-Natureza, de que o homem está destruindo o meio ambiente e ao mesmo tempo “outros tipos de homens” estão se relacionando harmonicamente com ele. Ensinar que as relações são dadas de acordo com o meio civilizatório, contando com as questões sociais, culturais, econômicas, pois todas essas podem se tornar intervenções para a relação existente entre sociedade e natureza.

Como cita PORTO GONÇALVES (2006, p. 73): ⁵

Não é raro ouvirmos frases do tipo: “o homem está destruindo a natureza!” Ao mesmo tempo que se evoca o exemplo de comunidades indígenas como modelo e paradigma da relação homem – natureza. E aqui cabe a interrogação: não são os indígenas homens?

Entende-se então, que a questão de relações entre sociedade e natureza vai além do espaço/lugar em que se habita, e que tem relação indissociável com as questões culturais, que por vezes, vem sendo impostas, a partir do processo de globalização (e indústria cultural) e que agem fortemente nos grupos mais jovens. Desta forma, mostrar esse conhecimento para a juventude, onde a preservação da natureza está vinculada ao resgate de uma identidade local, impregnada de uma consciência de classe, torna-se desafiador, contudo, torna-se esclarecedor.

⁴ Formação na área Educacional e Psicóloga na PUC/SP, 1975; Fundadora e sócia do Grupo Ambientalista da Bahia – Gambá e integrante da coordenadoria executiva Gambá.

⁵ Formado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ.

Neste cenário, devemos nos posicionar como protagonistas dessa nova visão ambiental, libertadora e acima de tudo que respeita os bens naturais que são disponibilizados, pois sem esses bens a vida não seria possível.

Nosso projeto possui um recorte sócio-espacial, a Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Região da cidade que a partir de meados do século XX iniciou um processo de transformação de área rural para área urbana, e desde então, caracteriza-se por concentrar habitações populares: loteamentos irregulares, clandestinos, e populações removidas de áreas urbanas mais valorizadas da cidade. Sendo assim, apresenta diversos problemas sócio ambientais.

A falta de um planejamento urbano o que podemos também nomear de impactos ambientais urbanos, onde a região sofre com a ausência de sistema de saneamento ambiental para coletar e tratar os efluentes domésticos, o que contribui de forma significativa para o surgimento de problemas ambientais e conflitos sócio-ambientais, outro caso que podemos citar de acordo como o site Viva Terra, como sendo um problema sócio ambiental preocupante, foi a instalação de uma grande siderúrgica na Baía de Sepetiba, que vem sendo poluída por metais pesados o que ocasionou uma diminuição da fauna marinha, assoreamento, destruição dos manguezais, e os pescadores artesanais que tinham na Baía seu meio de sobrevivência, foram obrigados a procurar outros empregos nas áreas urbanas quebrando uma tradição de anos dos moradores que residem ao redor da Baía. Os moradores também sofrem com os problemas respiratórios e alergias causadas pela fumaça de resíduos tóxicos emitidas pela siderúrgica.

Segundo o site Rio onwatch e Marques⁶ (2014), para os eventos ocorridos recentemente e os que ainda ocorrerão como as Olimpíadas de 2016, uma série de intervenções vem sendo realizadas como remoções de comunidades inteiras que são realojadas para áreas sem nenhuma infraestrutura e também desmatamentos para alargamento e construções de vias de transporte.

Percebemos que muitas vezes as necessidades reais da população e a preocupação com o meio ambiente são deixados de lado e o que prevalece são as necessidades de uma cidade empreendedora. Tais fatos se tornaram cenário de observação/ação tanto dos alunos/as bolsistas PIBID, como dos alunos/as do ensino básico participantes do projeto.

Contribuição do Audiovisual para a Educação Ambiental

O Audiovisual está cada vez mais presente entre as diversas disciplinas dentro da escola e de suas salas de aula e, é uma ferramenta que atrai a juventude, cada vez mais dinâmica, e mais que ouvinte, são capazes de produzir seu próprio audiovisual através de seus aparelhos

personais como os celulares. A partir daí, percebe-se que o recurso pode ser utilizado para o ensinamento dos temas relacionados ao meio ambiente e sobre a Educação Ambiental.

Além de trabalhar os temas ambientais os alunos passam também a adquirir novos conhecimentos, tais como:

- Montagem de vídeos documentários e curtas.
- Utilizar a escrita e a informática.
- Trabalho em equipe.
- Desenvolvimento de roteiros relacionados à Educação Ambiental.
- Construções de Narrativas.

Entre esses e outros diversos temas e saberes que podem ser adquiridos pelos discentes dentro e fora de sala de aula através do recurso audiovisual.

O Audiovisual pode sim ser um recurso facilitador para entendimento dos temas relacionados à natureza, e que permite que os jovens ponham em prática tudo que aprenderam sobre cuidar do meio ambiente e que a Educação Ambiental é muito importante para sua vida.

É necessário atentar-se para a Educação Ambiental com uma visão modificadora e transformadora, que não se trata de um cuidado sem resultados, pois essa preocupação com a natureza também está diretamente ligada com a vida da própria sociedade que insere esse espaço, como aponta Coelho:

O sucesso da implementação da gestão ambiental requer uma maratona de identificação dos atores sociais estratégicos e o estabelecimento de parcerias com esses atores locais. Entre eles encontra-se uma parcela significativa de jovens que requerem, um diálogo próprio, uma dinâmica específica, e, sem sombra de dúvidas, uma metodologia atraente e encantadora, onde esses jovens desenvolvam o “sentimento de pertencimento” que lhes oportunize a participação plena em todas as etapas da implementação da política, gestão e educação ambiental. (COELHO, p.106. 2000).

Para ALLODI (1998), o ideal seria que houvesse uma união entre a arte, tecnologia, linguagem e educação, enfocando os recursos audiovisuais como uma ferramenta com potencial de motivar o processo de dialógico em sala de aula, sendo capaz de tornar o ambiente interativo e que também venha contribuir para o processo de educação ambiental.

Porém PEREIRA (2008 apud ALBUQUERQUE, 2014), atenta para que não se pode apresentar um vídeo como ideia de substituir a fala do professor sobre um determinado tema, o

⁶ Sociólogo, mestre e Doutor em Demografia (UNICAMP). Professor do Mestrado em População, Território e Estatísticas Públicas e pesquisador na Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE/IBGE).

professor se tornar o mediador entre o aluno e a experiência de adquirir conhecimento por essa nova ferramenta, tendo também a responsabilidade de selecionar conteúdos adequados para se utilizar no processo de ensino.

Os jovens trazem conceitos a serem debatidos a todo momento visando uma melhor estrutura sócio- ambiental, sendo importante trabalhar com eles, para que também compreendam o contexto sócio- econômico- político no qual estão inseridos, assim a autora Cintra alerta e complementa: “o diálogo entre as gerações precisa ser praticado nas esferas públicas”.(CINTRA, 2007. p. 6).

Considerações Finais

O Projeto PIBID/Geografia/FIC traz o desafio de promover a Educação Ambiental de forma crítica e também inovadora, para que seja despertada o interesse dos jovens pelo assunto.

Através de palestras, seminários, debates e trocas de experiências entre os docentes e graduandos o tema Meio Ambiente vem sendo aprofundado de forma bem significativa. São abordadas as questões do nosso papel como futuros educadores, onde teremos a responsabilidade de promover e produzir aulas que permitam que os alunos façam reflexões sobre o cenário ambiental atual e que venham a se conscientizar que preservar o Meio Ambiente está diretamente ligada a sobrevivência da espécie humana, pois somos dependentes dos recursos da natureza e preserva-la implica na melhoria da qualidade de vida, e que os jovens despertem sobre seus importantes papeis na sociedade.

Conclui-se que o Projeto PIBID/Geografia/FIC agrega aos graduandos novos saberes, valores e novas ferramentas para se trabalhar dentro da sala de aula, sendo de extrema importância para nossa formação como futuros docentes e favorece a construção da educação de qualidade no País, pois os projetos propiciam a criação de metodologias inovadoras, a convivência no ambiente escolar e contribui para o desenvolvimento das práxis pedagógicas dos futuros educadores/as.

Referências:

CINTRA, Maria Alice Martins de Ulhôa. **Educação Ambiental e o Protagonismo Jovem**.2007. Disponível em: <<http://www.gamba.org.br>>

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (De)scaminhos do Meio Ambiente**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://pt.scribd.com>>

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>

ALLODI, P. A. **Linguagem, televisão, escola e família**. Monografia (Curso de Especialização em Linguagem). Centro de especialização em Fonoaudiologia Clínica e Linguagem, CEFAC, São Paulo, 1998.

SILVA, Rodrigo Siqueira; BARBOSA, Luciana Lima e SILVA, Leydiane Paula. **O Núcleo Audiovisual de Geografia (NAVG) – Trabalhando a Geografia com curtas: Experiência do PIBID - Subprojeto de Geografia**. Rio de Janeiro, 2014.

ALBURQUEQUE, Euclides Ferreira de. **Produção de Recurso Audiovisual, como ferramenta pedagógica na educação ambiental aplicada**. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1820>>

Região **Sede.** Viva Terra.. Disponível em:
<http://www.vivaterra.org.br/vivaterra_regsede.htm>

MARQUES, Cesar. **Desafios urbanos e enfrentamento das mudanças ambientais: o Rio além de 2016**. Disponível em: <http://abep.info/files/trabalhos/trabalho_completo/TC-6-11-538-449.pdf>

Resumo das Remoções no Rio Olímpico. Rio onwatch.. Disponível em: <<http://rioonwatch.org.br/?p=3464>>